



ENTRAVES EDUCACIONAIS NA ORIENTAÇÃO SEXUAL EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DO MUNICÍPIO DE PALMARES-PE

Lee Daiane de Lima Alves
Cássia Janine Pereira da Silva

Resumo

A orientação sexual na puberdade vem sendo tratado como deveria nas escolas? Essa pesquisa teve como objetivo principal avaliar o nível de acompanhamento dos professores com os alunos sobre orientação sexual, além de confrontar a percepção de cada instituição de ensino sobre o tema. A metodologia baseia-se num estudo exploratório-descritivo, através de um questionário respondido por alunos e depoimentos dos docentes. A investigação foi realizada no município de Palmares/PE, com estudantes do Ensino Médio de escolas públicas e particulares. A maioria dos alunos responderam que o tema não é tratado, ou raramente é tratado pelos professores em sala de aula, e até mesmo em casa pelos seus pais. Grande parte dos educadores ainda esbarram nos entraves pedagógicos, o qual impede um trabalho interdisciplinar mais proveitoso. Assim, podemos concluir que o tema orientação sexual, em escolas do município de Palmares/PE, vem sendo efetivamente tratado transversalmente, apenas durante a aulas de Biologia.

Palavras-chaves: Orientação sexual; Entraves Educacionais; Puberdade.

Abstract

Has sexual orientation at puberty been dialogued as it should in schools? The main objective of this research was to evaluate the level of follow-up of teachers with students on sexual orientation, as well as to compare the perception of each high school on the subject. A methodology is based on an exploratory-descriptive study, through a questionnaire answered by students and teachers' testimonials. The investigation was carried out in the Palmares/PE, high school students from public and private institutes. Most students responded that the subject-matter is not treated, or is rarely treated by teachers in the classroom, and even at home by their parents. Many of the educators still struggle with pedagogical obstacles, which hinder more useful interdisciplinary work. Thus, we can conclude that the topic sexual orientation, in high schools of the Palmares/PE, has been effectively treated transversely, only during Biology classes.

Keywords: Sexual orientation; Educational barriers; Puberty.

Introdução

Nos últimos anos o tema “educação sexual” tem sido substituído por “orientação sexual”, onde é o termo sob o qual se designa a opção sexual, evitando-se, assim, falar em identidade (ECOS, 2007). A diminuição da infância postergando o ingresso na fase adulta propenso a intensas transformações hormonais, a menarca e a semenarca precoce às alterações biológicas e psicológicas culminando na aptidão reprodutiva e vulnerabilidade emocional, expõe esses adolescentes a riscos físicos,



químicos, psíquicos e sociais (Fonseca, 2004). Sendo assim, a escola, o educador, tem papel importante de formação, informação e desenvolvimento durante esse período.

Historicamente, sempre coube aos professores de ciências a responsabilidade de trabalhar com os jovens esse tema nas instituições educacionais. Hoje se pode fazer um paralelo entre o assunto e outras matérias, e todos docentes podem aderir o tema no decorrer das aulas. Porém o preconceito social/moral represa o tema em outras disciplinas, acreditando que estão estimulando seus filhos a terem curiosidade, e que isso os levaria a pratica precoce do ato sexual (Richardson e Schuster, 2010). Deste modo, vem sendo necessário considerar o que justifica e como se sustenta a atual inserção desse tema de forma interdisciplinar na escola, pois a orientação sexual dos adolescentes é equacionada como um problema, culturalmente abordada nas instituições de ensino apenas de forma preventiva ao avanço de DST's e da gravidez precoce (Nothaft et. al., 2014).

A intenção de introduzir esse assunto no âmbito escolar torna-se evidente pela inserção da orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) sob a forma de tema transversal em todas as disciplinas (Lira e Jofili, 2010). Os temas transversais tematizam problemas fundamentais e urgentes da vida social, como: ética, saúde, meio-ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural (Brasil, 2000).

Trabalhar esse tema ou pontos relacionados a sexualidade, têm se constituído num grande desafio, primeiro porque a formação recebida pelos professores ainda se demonstra aquém dos anseios da geração que frequenta a escola; segundo porque a escola, em seu currículo quando se propõe a realizar alguma atividade sobre o tema, cai na tradicional aula ou seminários que pouco atrai os interessados no assunto. Dessa forma, a pesquisa tem como objetivo geral analisar, pela percepção do aluno (e dos professores), o nível do tema nas, e confrontar as respostas de alunos e professores de instituições públicas e privadas.

Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, cujos dados foram obtidos por meio de um questionário simples, respondido por alunos, através de repostas objetivas (“sim”, “não”, “às vezes ou raramente quando perguntado”), além de depoimentos dos professores, abordando como têm



ou não tratado esse tema em sala de aula. A investigação e suas variantes foi realizada entre o período de outubro/novembro de 2013, no município dos Palmares/PE, com estudantes do Ensino Médio de 2 escolas públicas (Galtemir e EMAG) e 2 particulares (CNEC e Dimensão), com uma amostra de 40 alunos para cada escola.

Resultados e Discussão

No quadro abaixo é apresentado o resumo das respostas do questionário para todas escolas avaliadas, onde consta a porcentagem de alunos conforme o tipo de pergunta e a resposta.

Informações	Escola Publica	Sim (%)	Não (%)	Às vezes (%)	Escola Particular	Sim (%)	Não (%)	Às vezes (%)
Conversa dos pais com seus filhos	Galtemir	18	30	52	CNEC	22	27	51
	EMAAG	31	54	15	Dimensão	26	32	42
Professores atentos ao assunto	Galtemir	55	0	45	CNEC	21	23	56
	EMAAG	53	9	38	Dimensão	28	15	57
Outras disciplinas tratam em aulas	Galtemir	28	15	57	CNEC	15	43	42
	EMAAG	29	25	46	Dimensão	21	41	38

Quadro 1 - Dados do questionário aplicado nas escolas do município de Palmares/PE.

As instituições educacionais onde foram realizadas as pesquisas são bem diversas, e cada uma tem suas particularidades quanto à metodologia a qual são aplicados os assuntos sobre o tema da orientação sexual. Numa primeira análise dos dados, percebe-se que no geral, os assuntos relacionados ao tema, grande parte (45%) são raramente tratados pelos pais ou professores, ou somente são tratados quando são indagados sobre o assunto. Do restante, praticamente metade respondeu que não procuram tocar no tema, ou que o mesmo não chega a ser tratado tanto numa conversa familiar como no colégio. Outro dado a se destacar é que a maior parte das respostas



positivas para a orientação sobre o assunto, é registrado mais por intermédio das escolas do que por uma conversa com os próprios pais. Isso levar a supor que os pais vêm realmente “empurrando” toda a responsabilidade com relação ao tema para as escolas.

A variação nas respostas, também acontece entre as escolas, onde no caso das instituições particulares pesquisadas, a taxa de professores que levam o assunto até a sala é mais baixa em relação às escolas públicas (cerca de 20% menor). Além disso, entre essas escolas particulares, há também diferenças voltadas (provavelmente) ao tradicionalismo religioso em sua política pedagógica, no qual os docentes de uma delas, em sua maioria não falam sobre orientação sexual com seus alunos. Dessa forma, apenas os professores de biologia recebem essa incumbência de comentar exteriormente em aulas de desenvolvimento embrionário. Esse “receio” em falar do tema, também é perceptível entre os alunos, os quais não demonstraram qualquer interesse em responder nossa pesquisa.

Nas escolas públicas, a visão apresentada é bastante diferenciada entre os alunos devido a uma realidade diferente que corresponde principalmente pela faixa etária, entre 15 a 25 anos, que é um pouco maior que das escolas particulares, entre 15 aos 19 anos. Dessa forma, alguns alunos já casados/separados e/ou com filhos, se arriscam até a falar que não tem dúvidas sobre o assunto. Os dados mostram que para essas escolas houve um percentual maior de alunos que responderam que não há um diálogo com os seus pais ou familiares sobre o tema em questão. Outro ponto, é que houve um maior número de professores de outras disciplinas que afirmaram conectar o tema com seus assuntos:

“a aula fica mais dinâmica, os alunos participam mais e eu posso trabalhar dois temas ao mesmo tempo!”, relata o professor de português;

“Em 1971, como em 1992, 46% das mulheres, de todas as idades, declararam não ter tido mais de que um parceiro sexual em suas vidas. As francesas são aparentemente mais comportadas do que em geral se acredita!”, citação proferida pelo professor antes de dar início a sua aula sobre a história da França.

No total, dos 20 professores que participaram da pesquisa, apesar dos exemplos citados anteriormente, apenas os de biologia realmente trabalhavam o assunto em sala com a devida importância, mesmo assim, apenas nas salas a partir do 2º ano, pois, segundo os mesmos, “era



onde o tema aparece”.

Considerações Finais

Um trabalho adequado de educação sexual nas escolas e também uma maior conscientização dos pais para o tema, evitaria a falta de informação dos jovens e até uma orientação errada sobre o assunto em fontes duvidosas, já que segundo os resultados, a maioria dos entrevistados, raramente tratavam, ou não tratavam esse assunto com os pais (ou responsáveis) e a instituição educacional. Uma consequência disso, foi a realidade encontrada nas escolas públicas, onde muitos iniciaram a vida sexual antes de seus 16 anos e alguns tiveram filhos antes dos 18, que por estarem acima da faixa etária para o Ensino Médio, não tiveram a orientação necessária para a sua idade durante o Ensino Fundamental, onde o tema ainda não era tratado.

Conforme a pesquisa, os educadores ainda esbarram nos entraves pedagógicos, o qual impede um trabalho interdisciplinar mais aprofundado como propõe os PCN's. Entretanto, nas práticas em sala de aula, isso se demonstrava de difícil implementação, muito mais como um ideal daquilo que deveria ser feito, do que concretamente no dia-a-dia escolar. De maneira geral, podemos concluir que o tema orientação sexual ainda é efetivamente tratado de forma mais transversal, apenas durante a aulas de Biologia.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000. 126p.

ECOS – Estudos e Comunicação em Sexualidade. São Paulo, Boletim n. 15, set. 2007.

FONSECA, H. Abordagem sistêmica em saúde dos adolescentes e suas famílias. Revista adolescência e saúde. UERJ, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 06-11, 2004.

LIRA, A. e JOFILI, Z. O tema transversal orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes? REMPEC - Ensino, Saúde e Ambiente, v.3, n.1, p. 22-41, abril 2010.

NOTHAFT, S. C. S.; ZANATTA, E. A.; BRUMM, M. L. B.; GALLI, K. S. B.; ERDTMANN, B. K.; BUSS E.;



SILVA P. R. R. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. REME – Revista Mineira de Enfermagem. Escola de Enfermagem da UFMG. Vol. 18(2), pag. 284-289, 2014.

RICHARDSON, J.; SCHUSTER, M. A. Sobre Sexo. Ed. MM e Editora de Cultura. São Paulo, edição 1, 2010. 352 p.